

CHAMADA para REVISTA ARA 12

Artes: outros modos de produção e recepção?

(...) Tratava-se do pressentimento de que o pensamento humano, mudando de forma, mudaria de modo de expressão; a idéia capital de cada geração não se escreveria mais no mesmo suporte e nem da mesma maneira, e o livro de pedra, tão sólido e tão durável, cederia vez ao livro de papel, ainda mais sólido e mais durável. Assim sendo, a vaga fórmula do arqui-diácono escondia um segundo sentido; ela significava que uma arte destronaria outra. O que a frase queria dizer era: a imprensa matará a arquitetura.

Victor Hugo,(1830) 2013, p.189

Na maré de incertezas e inseguranças quanto ao presente e carência de perspectivas para o futuro, reencontramos nas mais diversas linguagens da arte meios de sobreviver, acalmar nossos espíritos, alimentar esperanças e expandir indignação perante infinitude de perversidades. Por meio da música, da literatura, das artes cênicas e do cinema, das produções audiovisuais independentes e documentários, das artes plásticas, gráficas e visuais, somos acalentados ou provocados pela sensibilidade artística.

As artes nos vestem de possíveis sonhos para imaginar o apaziguamento climático, a recomposição dos biomas naturais, o reverdecer dos povos originários e das minorias étnicas, femininas, sociais e políticas em distribuição mais justa do alimento e das condições de vida, para algo mais que a tenaz luta hodierna pela sobrevivência.

Doses de humanidade poderiam cair como chuva torrencial, além de molhar nosso planeta com solidariedade, bondade e alteridades geopolíticas. A promessa da revolução digital se mostra cada vez mais avessa à democratização da informação, assistimos atônitos à enxurrada de mentiras, inversão de fatos, ódio e desinformação. A esperada dose de humanidade não cai do céu feito chuva, mas nasce da pele e brota pelo suor, nos poros do esforço e no embate por existir e resistir, respiramos e exalamos arte, sensibilidades belas ou sofrimentos, melodias em palavras, gestos ritmados a pensar e instaurar lugar no mundo. Enfrentamos o atual dilema: o digital matará o humano?

A revista ARA convida todos a pensar em outros modos de produção e recepção da arte, e por meio desta chamada indagativa, reaviva debates acerca das linguagens, perguntamos em coro: o que está acontecendo no modo do fazer artístico? Quais são os outros modos de produção do universo digital? É possível se emocionar *assistindo a uma* peça teatral online? Há alguma novidade em feitura manuais e processos criativos? E sobre observar, escutar e fruir? A recepção mudou?

O aqui e agora da obra de arte, por mais perfeita que seja sua reprodução, disse Walter Benjamin, encerra sua autenticidade, porém, também a liberta do domínio de sua tradição. A existência em massa, da qual o autor, amplia sua recepção e “atualiza o objeto reproduzido”. (BENJAMIN, (1935-38) 2017, p.15) Se em meados da década de 1930 o cinema era o agente poderoso em voga, hoje estaríamos diante de outro meio, seria possível pensar a produção e a recepção digital? Deste processo intensamente vivenciado nos períodos de isolamento social em meio a pandemia, nos anos de 2020 e 2021, do que se trata ao acompanhar um espetáculo teatral online do sofá de casa, visitar uma exposição ou participar de um show ao vivo ou no vocábulo atual, às populares *Lives* mediadas por uma tela? Megas e terabytes são capazes de nos emocionar? Qual espaço percorremos sem caminhar e sem movimentar nossos corpos ao visualizar pinturas e esculturas por meio de um *tour virtual* em uma maquete eletrônica?

Nesse mar de manifestações transmitidas por telas, a exclusão daqueles menos favorecidos se escancara. Para acesso aos inúmeros eventos é preciso rede de dados veloz sem intermitência e computadores, celulares ou tablets atualizados. Dados de pesquisas recentes¹ apontam que a falta de conexão está diretamente ligada à renda, tanto pelo acesso a dados e banda larga, como celulares mais robustos e até mesmo computadores. Assim, perguntamos se a dimensão emancipadora da arte estaria se ampliando ou restringindo com a propagação online das manifestações artísticas. E a produção?

Se “tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação”, estaríamos diante de um paradigma do qual Guy Debord já anunciou passado meio século, o espetáculo como movimento autônomo do não-vivo, como a relação social entre pessoas mediadas por imagens. Se o espetáculo é o modo de produção, estaríamos chegando ao ponto em que a relação se faz somente entre imagens que intermediam pessoas? Enquanto transforma-se os modos de existência das sociedades os modos de percepção acompanham tais alterações e enfim, o que se agrega e o que se perde com outros modos de produção e recepção? Quem está inserido e quem está excluído?

Uma das principais contribuições da teoria estética da recepção, pelo crítico literário alemão Hans Robert Jauss, é a ênfase de que obras de arte só existem dentro da moldura, configuradas pela recepção, ou seja, pelas interpretações que deles foram feitas ao longo da história. Esta recepção é uma fórmula aberta entre a correção e a formulação de nossas experiências. Sua estética acentua de forma particular a historicidade e o caráter público da arte ao colocar em seu centro o sujeito que percebe e o contexto em que as obras são recebidas. Se em meados do século XIX a imprensa atemorizou outras formas de ler o mundo, o mundo digital incita outros modos de produção e recepção das artes?

A Revista ARA convida a comunidade acadêmica, entre alunos e docentes, colaboradores e estudiosos, a pensar sobre os outros modos de produção e recepção das artes, tendo em vista o entendimento amplo da arte para as mais variadas e diversas linguagens e suportes, da música ao cinema, do teatro às artes plásticas, da literatura e poesia às artes públicas e urbanas, da performance à dança. Indaga sobre as diferenças aceleradas ao acesso dos canais e meios digitais, estaríamos ampliando as exclusões perante obstáculos financeiros para acionar dados e conexão de internet em boas condições? Ampliamos o fosso das desigualdades perante as promessas digitais e vivenciamos abismos sociais causados pela exclusão sociodigital? Como é possível ler essas transformações em meio ao bombardeio de dados que nos acomete diariamente? Ações participativas, ativação em comunidades seriam caminhos para atenuar abismos e fronteiras sensíveis?

amanda saba ruggiero

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. in Walter Benjamin *Estética e sociologia da arte*. Trad. João Barreto. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HUGO, Victor. O corcunda de Notre Dame. trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

JAUSS, Hans Robert. *Pequeña apología de la experiencia estética*. Trad. Daniel Innerarity. Barcelona: Paidós, 2002.

¹ Estudo realizado pela PwC e o Instituto Locomotiva, e TIC Domicílios realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil, publicados em 13 de set. de 2021 em matéria do Jornal *Estado de S.Paulo*, no caderno “Economia e Negócios”.